

## Chega de contribuir!

Na época do Natal as pessoas estão mais dispostas do que normalmente a responder a chamadas de instituições beneficentes que socorrem necessitados. Elas deviam se perguntar por quê, diz Georgie Fienberg, fundadora da ONG AfriKids, que luta pelos direitos das crianças na África.

Se eu falar “anos 80”, o que vem à sua mente? O cubo mágico? Alguns cortes de cabelo horríveis?

Ou talvez a fome na Etiópia? Imagens chocantes de multidões famintas em campos de refugiados, um jornalista apavorado transmitindo um clamor desesperado por ajuda? Parece-me que, apesar de brinquedos, música e moda terem mudado, no caso de ajuda internacional emergencial ainda estamos nos anos 80. Estou convicta de que já passou da hora de as instituições beneficentes proverem, e de as pessoas financiarem, um novo tipo de beneficência – que demonstre respeito, se envolva com os beneficiados, e não crie dependência.

Caso você ache que essa é uma mensagem óbvia, dê uma segunda olhada nos anúncios nos jornais ou nos cartazes pela cidade.

Ali você fica sabendo que 10 reais por mês podem salvar a vida de uma criança. Patrocine um mosquiteiro. Pague uma refeição para este órfão. Rostos tristes olham para você da página do jornal ou dos cartazes na rua.

Culpa, choque e pena são os impulsos motivadores. Acontece que você está doando para imagens como essas desde os anos 80. Então, por que nada mudou? E para onde foi todo o dinheiro?

Essas grandes perguntas exigem respostas. Enquanto dinheiro bom estiver indo atrás de dinheiro ruim, nada vai mudar.

A maneira de levantar recursos é antiquada, ela transmite a mensagem errada, e no fundo é negativa para a sociedade como um todo – tanto para as sociedades ocidentais como para os países em desenvolvimento.

Quero ver os anúncios que chocam com a pobreza despachados para os livros de história, onde já estão os permanentes para cabelo. Só então poderemos nos dedicar a um diálogo que responde às grandes perguntas sobre a verdadeira eficácia da ajuda de caridade.

Essa é minha opinião pessoal, mas é uma opinião que brota da minha experiência dos últimos 14 anos financiando e desenvolvendo AfriKids, uma organização internacional que defende os direitos das crianças, e servindo de consultora em outras 50 organizações, no Reino Unido e na África.

Vou fazer algo incomum para uma fundadora de ONG. Da próxima vez que você vir um par de olhos famintos olhando suplicantes para você da página central de um jornal, sugiro que você não doe.

Em vez disso, sugiro que você escreva para sua ONG favorita e faça três perguntas simples:

- Quando o projeto para o qual vocês estão levantando fundos vai terminar?
- Como vocês saberão, quando pararem, que o projeto foi bem sucedido?
- Como transmitirão a informação do sucesso ou fracasso a mim, o doador?

Toda boa organização beneficente pode responder a essas perguntas. Muitas de fato podem, mas, infelizmente, em minha experiência, há muitas mais que não podem.



Live Aid em 1985. Doar para ajudar em necessidades mudou desde então?

Minha experiência com desenvolvimento internacional começou em 1997, quando tirei um ano de licença. Vi em primeira mão a ineficiência da ajuda internacional em um grupo social muito pobre e castigado na área rural do norte de Gana. Mas também fiquei chocada ao ver como as pessoas e organizações locais estavam motivadas, bem intencionadas e bem informadas.

Desde o começo, eu queria capacitar pessoas do lugar para fazer as mudanças que elas mesmas sabem que necessitam. Ninguém está em situação melhor para identificar causas e preparar programas de ajuda do que quem vive e trabalha nas comunidades afetadas. Adotar uma estratégia de parceria combina experiência técnica e assistência de fora com o conhecimento e a prática local.

“Comece bem simples: diga não à arrecadação de doações por pena – isso é passado.”

Essa experiência de trabalho em parceria é o que me faz rejeitar os anúncios que despertam a compaixão, nos jornais e cartazes.

A compaixão nos faz passar um cheque em branco para a organização. O dinheiro nem respeita nem recompensa o trabalho e a dedicação do povo local. Ele não faz nada para financiar o tipo certo de resultado. Ele não presta contas nem a você nem às pessoas que supostamente beneficia. Ele pode ser facilmente esbanjado, e no dia seguinte uma nova fotografia pode levantar o mesmo dinheiro, e o ciclo continua.

As organizações beneficentes também poderiam começar a levar a sério a sustentabilidade. Como conceito, ela está acima de controvérsias: em vez de dar o peixe, ensine a pescar – ou, melhor ainda, ensine-o a fazer seus próprios anzóis e redes, e tudo isso.

Todavia, ao mesmo tempo em que muitas agências são ótimas para promover suas credenciais de sustentabilidade, tenho certeza de que os resultados dessas boas intenções ainda estão muito longe do aceitável. E isso porque temos exemplos demais de organizações que pregam o desenvolvimento sustentável enquanto agem de maneiras totalmente opostas ao conceito, e o público ainda é suscetível demais a imagens e apelos de necessidade imediata.

Para mim, porém, sustentabilidade não significa resolver os problemas de hoje. Significa fazer com que as pessoas do lugar consigam resolver seus próprios problemas, independentes de ajuda externa.

### Opiniões opostas sobre ajuda de fora



**Jeffrey Sachs**

Economista americano, autor de *The End of Poverty* [O fim da pobreza] e ex-conselheiro da administração Clinton. Sachs diz que muitos países africanos estão presos em uma armadilha de pobreza, e que a ajuda de fora é parte necessária da solução.

“Há alguns lugares no planeta [...] que simplesmente não conseguem sair do lugar. Assim, é uma questão de ajudá-los a começar, seja a plantar mais alimentos, combater a malária ou lidar com as secas.”



**Dambisa Moyo**

Economista nascida na Zâmbia que já trabalhou no Banco Mundial e no Goldman Sachs. Em seu livro *Dead Aid* [Ajuda morta], Moyo argumenta que a ajuda externa faz mal aos países que pretende ajudar e que deveria ser substituída por investimentos em empresas.

“A maior parte do que precisa ser feito na África deve ser liderado por africanos. O problema fundamental é que a indústria da ajuda se tornou tão predominante que os governos abdicam das suas responsabilidades.”

Na prática, isso significa financiar empresas. Minha organização escolhe aquelas que atendem objetivos sociais e econômicos, ao mesmo tempo em que causam um efeito “multiplicador” na economia local. Esse efeito acabará gerando benefícios maiores do que, por exemplo, empresas que tragam lucro mais imediato, mas sejam limitadas nos outros aspectos. O resultado dessa estratégia é que minha ONG está a caminho de ser sustentável em cinco anos. Assim, ela fechará no Reino Unido em 2018.

Se o setor de desenvolvimento quiser chegar à sustentabilidade na prática, todos teremos de adotar uma postura radicalmente diferente e apoiar mais os empreendimentos empresariais, levando em consideração a possibilidade de fechar a parte de doações.

Se a estratégia das ONGs e a percepção do público não mudarem dramaticamente em relação à ajuda, temo que não desfaremos o nó do desenvolvimento efetivo.

Tanto os doadores quanto as ONGs têm sua parte a fazer, mas comecemos bem simples: diga não à arrecadação de doações por pena – isso é passado. Hoje em dia, o público e as pessoas que queremos ajudar merecem mais que isso.



Eu costumava dizer que você nunca veria um *outdoor* da minha ONG, até que, em 2011, nos foram doados todos os espaços da estação Canary Wharf em Londres. Era uma oportunidade boa demais para perder.

As chamadas em nossos cartazes foram estas: “Eles não devem depender de nós”, “Ajude-nos a ir embora” e “Ajude-nos a fechar”.

<http://www.bbc.co.uk/news/magazine-20762278> 19 December 2012

Tradução: Hans Udo Fuchs

**Sobre a autora**

Georgie Fienberg fundou uma organização beneficente que ajuda crianças pobres em Gana.

Ouçã a palestra (em inglês):

<http://www.bbc.co.uk/programmes/b01pcqkh>